



# O FIGARINO



51-2.108



Revista Humorística e Ilustrada

ANNO 1

Fortaleza, Domingo 23 de junho de 1895

NUM. 8



Ora viva S. João, amigos leitores! Deixemos lá de caras surunbáticas e mocambuzias. Nada de fazer caso das enxaquecas, defluxos, dores de cabeças, tuberculosas, hemoptises, gastro enterites, typhoides, ascarides, lesões e desastres de fogo, de quedas, d'agua, esmagamentos e o diabo!  
 Nada! Guerra a tudo isto! Vamos pintar o sete e o Simão em noites de S. João.



## Expediente

Accepta-se assignaturas, sendo :  
 Capital (um trimestre) . . . 2\$000  
 Interior e exterior (idem) . . . 2\$500  
 Numero avulso . . . . . 100 rs.  
 Pagamentos adiantados.

Não se aceita collaboração.

## O FIGARINO

Fortaleza, 23 de Junho de 1895.

## JOSE' DOMINGUES.

Depois de um soffrer longo e constante, finou-se á 19 do corrente o Sr. José Domingues dos Santos Silva, importante negociante de nossa praça e membro de uma das principaes familias de Sobral, de onde era filho.

Uma tuberculose, impossivel de ser combatida pela sciencia medica, roubou-lhe a preciosa existencia, deixando sob o peso da mais cruciante dor — esposa, filhos, parentes e amigos!

Contava 48 annos de idade, maior parte dos quaes consumidos na laboriosa vida do commercio, onde se salientou sempre — pelo seu genio trabalhador e zelo no cumprimento de seus deveres.

Alma generosa e boa, ha de ter entre os justos um lugar de repouso.

A' sua sentimentada familia enviaremos os nossos pesames.



## CHRONIQUETA

Salve, patuschinos leitores!

Hoje é vesp'ra de S. João, dia--amanhã. Que praser! Quem não *pintar o Simão*, de feio deve morrer.

Os frades cá do convento andam vivos como brasa. E' tanto o contentamento que já nem dormem em casa.

E não lhes negamos razões, pois o que se leva d'este mundo

é divertir, é folgar, gosar bastante, *dar sorte* .. Isto de chorar, chorar, é correr atraz da morte.

Vistos os autos,

vamos ao mundo, ao mundão, amando e querendo bem». E para um bom S. João vos convidamos também.

Sim... não somos tão ambiciosos. Porém antes de nos por ao fresco, pedimos permissão aos leitores para dizer algumas cousas boas e ruins, de conformidade com o nosso programma.

Com licença.

Os *Mãos de seda* estão apparecendo aos poucos.

Além do que a policia havia delatado a *unha*, nos veio outro do Para: — um fuão Caridade, o heróe dos 200.000 cartões mandados fazer na Litno typographia dos Drs. C. Sousa & Cal

Si este não é também um *Mão de seda*... ou coisa parecida!

Mandar fazer cartões para uma empresa, da qual não se é coisa alguma e nem tao pouco ter para isto incumbencia, — e *mão de sedagem*.

Mas a nossa policia andou mal n'esta questão.

Tendo sciencia e consciencia do facto criminoso, devia ser mesmo *caridosa* com o tal Caridade, que, graças aos proprietarios da Typo-lithographia Cearense, não conseguiu os seus fins.

Pensamos assim.

Dizem que «moda ruim, péga»; e o Felino Garapa accrescenta que — ate perna quebrada também péga.

E não é mentira.

Vejam o que deu-se no Correio!

Appareceu a repartição aberta, sem ser por meio de arrombamento, e descobriu-se um roubo na correspondencia *registrada*.

E o melhor é que até agora ainda não se soube quem fez a *mão de sedagem*, apesar das orações e mais rezas mandadas fazer, para a descoberta do feliz gatuno, que dizem ser — gente de casa...

E' ou não é contagio do *Mão de seda*?

Ainda mais:

Um fuão de, talandou lá pela policia, queixandosse do relojoeiro C. Mesiano, por motivo da venda de reslogios de cobre como sendo de fino metal.

O logrado, como nada pudesse conseguir, disse que o Mesiano era peor do que o *Mão de seda*.

Para quem tem sentimento... já é desaforo grosso.

O Sr. Germano Machado não é lá o fracalhão q' muita gente pensava.

Ariscon se com os empregados da *estatística* e mandou-os tomar fresco além d'a faudega ou passar S. João por outros bairros.

E elles, zás, arrumaram a papela-da e foram-se.. saudosamente.

A commissão de contas aprovou o acto, o commercio pulou de alegre e os *estatuqueiros* também, porque vão vadiar por conta do governo.

Mas A *Republica* está ao aço; porém com o commercio e não com o Sr. Germano.

Essas cousas...

O nosso Peixoto é um pandego! Não quer ir para Quixeramobim — pelo fio: dá preferencia a carroça do Angelo hespanhol.

Não deixa de ser mais segura a viagem do que pelo *fio* ou via ferro, mas precisa saber que carroça só se presta bem para conduzir mercadorias, trens de casa, etc., etc., e nunca para transportar um cidadão de sua altura... e peso!

Depois... fazer uma viagem *carroçalmente*, para tao longe... e uma amollação dos diabos.

Ao menos pelo fio telegraphico iria tão ligeiro como as *bolas do estudantes*. Sabe?

Vistos os autos, escolha o meio de locomoção que melhor lhe aprouver, no caso de mudança.

Damos-lhe plena liberdade.

Está satisfeito?

Corre de bocca em bocca que brevemente reapparecerão os jornaes — «*Tracema*» e «*Ceara Illustrado*»; e também virá a luz o «*Cearã*», órgão opposicionista e de grande formato.

Trez d'um lapo!...

Dá para o Zé dizer:

—E' jornal como *folha*!

Até que enfim vai apparecer a monumental obra do Sr. R. Theofilo — *Os Brilhantes*.

O que demorou a sua entrada para o prelo foi a *gravidez* do Jesuino.

E' o que nos parece.

Preparam-se, pois, os leitores para apreciar a nova obra do homem dos *potes*.

Antonio Nico.

## LA GLACE ELEGANTE

## RECUERDO

Eu era descrente do Amor, comtudo, um dia Ao ver te fiz-me extranho Lovelace, A sós, comtigo a sós, na branca penedia Procurei louco de affecto a tua face.



Porque? é que vinha para nós a larga  
esteira  
Da espuma do mar, tão branca como és,  
E trefego beijei-te allí, a vez primei-  
ra,  
Como o mar beijava os teus pequenos  
pés.

Lembras-te? Que diferença existe  
então.  
Não tarda que de todo desapareça  
Esta nossa antiquíssima paixão.

Choras? pobre de ti. Hoje, querida,  
Não ha paixão que dure e amadureça  
Si dura tão pouco a propria vida.

*Fidanzza.*

4 h. e 35 minutos.

Simplemente terrível!

A morte desastrada de Antonio Cor-  
riolano, cheio de mocidade e espe-  
ranças, já sentindo em seu coração  
novel, o espinho do amor, n'esta qua-  
dra feliz de uma juventude sorridente  
como o botão de rosa quebrado no  
caule; quando tudo são lyrios e per-  
fumes; n'esta terra de poesia heredi-  
taria e encantos primaveris; deixou-  
nos por longo tempo sob o peso de  
uma impressão tristissima por entre  
a penumbra da fatalidade!

— 4 horas e 35 minutos da tarde!

Foram estas suas ultimas palavras.  
E n'aquelle momento deixou de ex-  
istir.

Terrível!

Terminar a vida, indo ao encontro  
da morte com a rapidez de um  
expresso, e vir a noticia pelo telé-  
grapho com velocidade espantosa!

Ver pela ultima vez, atordoada-  
mente, esta terra querida, fugindo  
tão veloz como a transição do sonho  
para a realidade, de tudo quanto  
amava....

Deixar após de si, no torvelinho da  
poeira, uma cidade amiga e formosa  
com suas arvores frondentes e seus  
areiaes sympathicos, e por sobre tu-  
do: amigos sem um abraço, amores  
sem um adeus....

E' simplesmente terrível!....

*Black.*

## LAPIS TRAVÉSSO

«O FIGARINO»

Todo mundo gosta do Figarino.  
As leitoras amam-no como se fosse  
um apaixonado.

Si alguém não conhece o, ellas

que tanto tem affagado-o nos seios,  
apresentam-n'o fallando com doçura,  
mixto de riso e ciúme.

O Graude desanuvia o rosto e a  
propria politica desmancha a zuaá,  
transformando a em riso.

Os nossos vendedores são uns me-  
ninos bonitos, sympathicos, vivos,  
intelligentes, cheios de vida que ao  
primeiro aceno correm... correm...  
como uns endiabrados.

As leitoras já conhecem-os.

— *Figarino á cem réis!*

Isto e um grito de alarma. Correm  
todas como um bando de rouxinóes a  
chilrearem por entre os viveiros sor-  
ridentes.

A primeira vista o Black e o An-  
tonico levam muxôxos, o Fidanzza—  
aplausos e o Kara-kala com o K. Lou-  
ro—gargalhados estrepitosas.

No sabbado temos anciedades.

Ellas perguntam aos freguesitos:

— Temos «Figarino» amanhã?

— Olá si temos.

E ellas satisfeitas correm ao espe-  
lho como si n'elle estivesse o typo  
da galhofa, «O Figarino», filho da  
pandega monumental.

## QUEIMAS!

E' só o que se vê por estas ruas  
bonitas da nossa sympathica e ele-  
gante Fortaleza.

Queima! queima!

Bandeiras de varias nacionalida-  
des, foguetes estapanfurdios, atropel-  
lo de caixeiros... eis o queima.

Queima nas lojas de fazendas, quei-  
mas nas bodegas, queimas nas padar-  
rias, queimas nos freges, queimas  
no diabo a quatro!

Só faltam os queimas das sogras.

Um queima nos bonds seria enor-  
me!...

Quem nos dera que queimassem  
se aquelles bonds puladores... quem  
nos dera...



## A TROTE LARGO

Ao troar de mil rouqueiras,  
em fesejo á S. João,  
venho ver estas faceiras  
creaturas... Cum'istão?

Que passem bem, os leitores,  
é quanto folgo em saber;  
bem—em saude, em amores,  
e cobres... Já deixa ver...

Eu? cá vou n'aquella forma  
pelos leitores sabida.  
Da vida só mudo a norma  
quando deixar de ter vida.

Mas... o que temos de novo  
por este mundo de Christo?  
Contem me novas, meu povo,  
que estou veixado é por isto.

Roubaram, serio, o Correio?  
E' couso nova ou azeda?  
Teria andado no meio  
do roubo—o tal Mão de seda?

Não posso crer... não andou...  
Cá comigo penso assim.  
Quem o Correio roubou  
foi gente—mao de setim!

O que é feito do João môco  
e de seu Lobo tambem?  
Disque o bixo foi p'ro tôco  
e o João sahio-se bem?

Tenho sempre aconselhado  
ao povo cá do cordão  
que não se metta em questão,  
fiado em palavreado.

Outra cousa: como vae  
da estatistica o barulho?  
Sae roupa velha ou não sae?  
Quero ver o desentulho.

Quero saber si o machado  
do seu Germano, sim, é  
com aço bem temperado  
ou vtra em sipó de imbé!

Sem mais aquella, leitores,  
a quem de veras destingo.  
Vou ao mundo dos amores  
e volto antes de domingo.

*Kara-kala.*

## Noticiarete

Temos sobre a banca:  
«A Chronica Illustrada», da Capi-  
tal Federal.  
«A Semana», idem.  
«As Boas Novas», cidade de Cam-  
pos.

«Oasis», Natal.  
«A Verdade», cidade de Areias.  
«O Nortista», Natal.  
«O Rio Grande do Norte, idem.  
«Correio Mercantil», Maceió.  
«Renascença», da Bahia.  
«O Verbo», de Baturité.

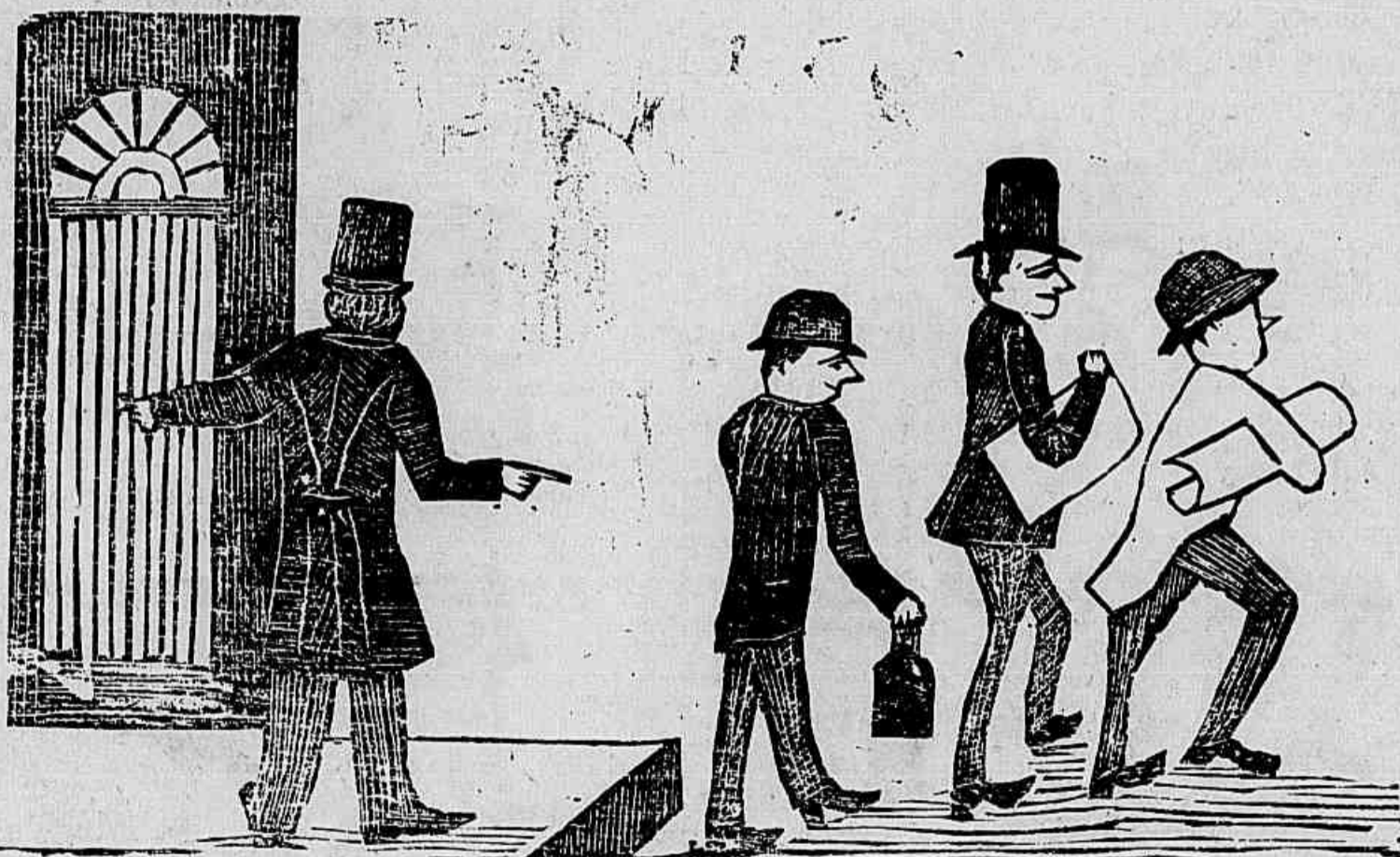




«A Republica» e o «Diario»  
conversam manço. baixinho  
sobre «vinda do jornal  
do Rodrigues e Martinho.

— Vae ou não vae? interroga  
o jornal do neutralismo.  
— Não sei, vou ver. Lhe responde  
a folha do governismo.

E enquanto isto se dá  
corre na bocca do povo  
que o «Cearã» esperado  
inda se acha no ovo !...



O Sr. inspector d'alfandega poz no andar da rua a gente da estatística,  
que lhe estava diariamente a mecher nos archivos. E ella foi-se...



O commercio ao saber de semelhante  
cousa — bareu palma !